

## O PAPEL DA METÁFORA NA RELAÇÃO ENTRE SENTENÇAS POSSESSIVAS E EXISTENCIAIS

Diogo PINHEIRO\*  
Paulo Jeferson Pilar ARAÚJO\*\*

*ABSTRACT: Heine (1997) argues that, crosslinguistically, the bivalent existential construction ('Y exist with reference to X') grammaticalizes into a possessive construction, which, on its turn, grammaticalizes into a monovalent existential construction ('Y exists'). By committing itself to the unidirectionality hypothesis, this approach presupposes a difference in abstractness between the domains of Possession and Existence and therefore postulates a metaphorical connection between them. In this paper, we argue that the Possession-Existence relation relies on trajector-landmark realignment, rather than on metaphor. On the other hand, we seek to demonstrate that metaphor plays an important role on structuring Possession and Existence categories, as well as metonymy and conceptual blending.*

*KEYWORDS: possession; existence; metaphor; metonymy; conceptual blending*

### 1. Primeiras palavras

Pesquisadores alinhados às orientações teóricas mais diversas não têm deixado de notar alguma forma de parentesco entre as sentenças possessivas e as existenciais. A história do português é testemunha dessa afinidade. Basta pensar que o verbo latino *habere* 'ter', de valor possessivo, originou o conhecido *haver*, inicialmente possessivo, e a partir do século XX existencial, valor que conserva até hoje. Ao mesmo tempo, o verbo *ter*, originalmente possessivo, é hoje largamente usado como existencial, em alternância com *haver* (exemplos em (1)).

Essa relação íntima entre Posse e Existência, contudo, está longe de ser exclusividade do português; antes, trata-se claramente de um fenômeno translinguístico. As evidências são abundantes. O latim clássico, por exemplo, contava com a estrutura conhecida como *dativo de posse*, uma construção que, sendo instanciada pelo verbo *esse* 'existir', era usada para designar Posse (exemplo (2)). Analogamente, línguas tão distantes quanto o francês (exemplo (3)) e o cauhilla (exemplo (4)) exibem evidências dessa vinculação.

- (1) a. O apartamento tem três quartos.  
b. Tem três quartos no apartamento.

- (2) Est patri meo domus  
Existe pai (dat.) meu (dat.) casa (nom.)  
'Meu pai tem uma casa'

- (3) wíkikmaI-em hem- wáka míyaxen  
pássaro – PL sua asa existe  
'Os pássaros têm asas'

\* Mestre em Língua Portuguesa e doutorando Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Assistente do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul

\*\* Mestre e doutorando em Linguística; Universidade de São Paulo

- (4) Il y a deux enfants  
Pron. 3<sup>a</sup> p. Expl. tem dois filhos  
'Há duas crianças'

Diante desse cenário, linguistas identificados com diferentes paradigmas teórico-epistemológicos têm oferecido explicações diversas para o fenômeno. Não surpreendentemente, estudiosos alinhados à teoria gerativa optam por explicações formais (LYONS, 1968; FREEZE, 1992; AVELAR, 2009), seja postulando uma estrutura como a forma básica e descrevendo a derivação da outra, seja assumindo que ambas derivam de uma mesma estrutura abstrata subjacente. Linguistas funcionalistas, por seu turno, recorrem a motivações discursivo-pragmáticas (CLARK, 1978), diferenciando as sentenças possessivas das existenciais, fundamentalmente, a partir da definitude e estatuto informacional do SN sujeito. Por fim, o estudo cognitivista de Langacker (2004) se vale de representações espaciais cognitivas.

Neste artigo, dialogamos diretamente com a abordagem funcional-cognitiva de Heine (1997), para quem a vinculação entre Posse e Existência pode ser explicada por um processo de metaforização associado à gramaticalização de construções. Resumidamente, sustentaremos as seguintes hipóteses: (i) o processo de metáfora não explica adequadamente a passagem do sentido possessivo para o existencial (ou vice-versa); em vez disso, é mais pertinente recorrer a um outro processo cognitivo: o realinhamento trajetor/marco (LANGACKER, 1987 e 1991); (ii) apesar disso, ao menos no português, a metáfora tem um papel importante, ao lado da metonímia, na estruturação das categorias constituídas pelo conjunto de usos possessivos e existenciais.

Na próxima seção, resenhamos a abordagem de Heine (1997), procurando destacar a insuficiência do tratamento via metáfora. Em seguida, apresentamos a nossa própria proposta para a relação Posse-Existência e, mais precisamente, para descrever a organização interna da categoria de Posse.

## 2. A abordagem de Heine (1997)

Publicada no livro *Possession: forces, sources and grammaticalization*, a proposta de Heine (1997) se preocupa fundamentalmente – é bom que se diga desde já – com as possibilidades de expressão da idéia de Posse, e apenas secundariamente com as relações entre construções possessivas e existenciais.

Assumindo que o conceito de Posse constitui um “domínio relativamente abstrato da conceptualização humana” (Heine, 1997, p. 45), o autor hipotetiza que as construções possessivas seriam derivadas, historicamente, de outras com o significado mais concreto. Para empreender a tarefa de remontar o percurso histórico que teria originado a expressão da Posse nas línguas do mundo, Heine recorre a um constructo teórico que denomina *event schemas* (esquemas de evento).

Nas palavras do autor, os esquemas de evento “possuem as propriedades comumente associadas aos esquemas: sintetizam atributos abstraídos de um vasto número de eventos relacionados, e têm a ver com as situações estereotipadas com as quais nos deparamos freqüentemente.” (p. 46). Segundo Francis (1999), trata-se de “padrões proposicionais simples

que consistem em um predicador mais os seus argumentos e modificadores”<sup>1</sup>. Para Heine, seriam oito os *event schemas* que normalmente originam as construções de posse: *Action*, *Location*, *Companion*, *Genitive*, *Goal*, *Source*, *Topic* e *Equation*. Destes, os esquemas que aqui traduziremos como Genitivo (*Genitive*), Alvo (*Goal*) e Tópico (*Topic*) se agrupam sob a rubrica de um outro mais geral, o Esquema de Existência (*Existence Schema*). Isso significa que esses três esquemas apresentariam, em sua origem, valor existencial, tendo evoluído posteriormente para expressar um significado possessivo.

É ao investigar esses três esquemas, portanto, que poderemos identificar a maneira como o autor trata a relação entre os significados de Posse e de Existência. O Esquema de Genitivo é caracterizado pela fórmula “X’s Y exists” (em português: “X de Y existe”); o Esquema de Alvo apresenta o padrão “Y exists for/to X” (“Y existe para X”); o Esquema de Tópico, por fim, é representado pela fórmula “As for X, Y (of X) exists” (“Com relação a X, Y (de X) existe”)<sup>2</sup>. Abaixo, repetimos um exemplo que evidencia a presença deste último: trata-se da sentença (3), já mencionada na introdução deste trabalho e repetida, para fins didáticos, como (5):

(5) wíki kmaI-em      hem-      wáka      míyaxen  
 pássaro – PL      sua      asa      existe  
 ‘Os pássaros têm asas’

No Esquema de Tópico, o primeiro X funciona como um tópico oracional, enquanto o segundo é um pronome possessivo correferencial ao primeiro. Segundo o autor, devido a um processo de gramaticalização, construções que manifestam esse esquema podem evoluir para outras que apresentem o esquema de posse prediativa, representado pela fórmula “X has/owns Y”, sendo X um possuidor e Y, a coisa possuída.

É precisamente este o processo ilustrado pelo exemplo (5). Nele, uma construção que manifesta, originalmente, o Esquema de Tópico, apresentando tanto valor de Posse (codificado no interior do SN sujeito) como de Existência, se torna, via gramaticalização, uma construção (unicamente) possessiva, com o elemento tópico passando a funcionar como sujeito gramatical e equivalendo, semanticamente, a um possuidor.

Neste ponto, cabe dizer que Heine, remetendo a pressupostos centrais ao arcabouço da Linguística Cognitiva, afirma que “uma estratégia básica para lidarmos com o ambiente é conceber e expressar experiências que são menos facilmente acessíveis, ou mais difíceis de entender ou descrever, em termos de outras mais imediatamente acessíveis, claramente delineadas” (p. 45). Nesse sentido, não surpreende que o autor, na tentativa de refazer o trajeto das mudanças linguísticas que teriam dado origem às construções de posse, tenha buscado identificar estruturas que apresentariam, no seu entender, um significado mais concreto. Evidentemente, estamos falando aqui de uma posição teórica que se traduz, no campo da linguística funcional, no princípio da unidirecionalidade do processo de gramaticalização.

<sup>1</sup> Para o leitor interessado no problema das construções possessivas, recomendamos a leitura completa da resenha de Francis (1999), que confronta a proposta de Heine com o estudo de Taylor (1996).

<sup>2</sup> A fórmula do Esquema de Existência genérico, que segundo Heine (1997, p. 58) “não corresponde a nenhuma estrutura linguística verdadeiramente existente”, seria “Y exists with reference to X” (“Y existe com referência a X”).

É interessante observar, por isso, que o autor identifica, mais à frente (p. 94-96), um “aparente contra-exemplo” a esse princípio: trata-se de construções existenciais que parecem ter sua origem em esquemas de evento com valor possessivo. Para que isso fosse possível, comenta Francis (1999), “construções existenciais teriam de apresentar significados que fossem, ao mesmo tempo, mais abstratos e menos abstratos que os de construções possessivas”. Veja-se, abaixo, um dos aparentes contra-exemplos de que fala Heine (p. 95):

(6) Posse  
 Il                    a            deux enfants  
 Pron. 3<sup>a</sup> p.        tem        dois filhos  
 ‘Ele tem dois filhos’

(7) Existência  
 Il                    y            a            deux enfants  
 Pron. 3<sup>a</sup> p. Expl. tem        dois filhos  
 ‘Há duas crianças’

A solução desse impasse, na visão de Heine, reside em mostrar que as construções possessivas derivadas das existenciais se distinguem daquelas possessivas que, inversamente, dão origem a construções existenciais. Em síntese, haveria dois processos de gramaticalização envolvendo tais construções:

- (i) Da construção possessiva biargumental *X has Y* deriva a construção existencial monoargumental *Y exists*;
- (ii) Da construção existencial *Y exists with reference to X* derivam as construções possessivas como em (5).

Nas palavras de Heine (1997, p. 96), “em vez de evidenciar a violação do princípio da unidirecionalidade, a evolução geral se mostra de fato unidirecional”. Para sintetizar sua proposta, o autor apresenta o seguinte esquema:

**Existência**                    >            **Posse**                    >            **Existência “nuclear”**  
 (Y existe com referência a X)    (X tem Y)                    (‘isso tem Y’ (‘it has Y’) > Y existe’)

A proposta de Heine se sustenta, em suma, sobre a ideia de unidirecionalidade. Como se sabe, trata-se de uma hipótese tão difundida quanto polêmica no contexto dos estudos sobre gramaticalização (MARTELOTTA, 2010), que se atualiza, a depender do caso, em duas dimensões distintas: unidirecionalidade do concreto para o abstrato e unidirecionalidade do léxico para a gramática. Evidentemente, essas dimensões são tipicamente interdependentes, como nos exemplos clássicos de itens lexicais com valor espacial que se gramaticalizam em funções textuais. No caso em pauta, contudo, está em jogo a gramaticalização de construções gramaticais (ou, nos termos do autor, esquemas de eventos), e não de itens, de maneira que a unidirecionalidade com a qual Heine se compromete é aquela que diz respeito ao processo de abstratização progressiva.

A hipótese de Heine parece resultar, a rigor, da combinação de duas premissas: a de que a geração de novas construções resulta de um processo de gramaticalização e a de que

esse processo implica uma abstratização progressiva, via metáfora. Seu estudo, contudo, não traz evidências que permitam sustentar convincentemente a proposta. O autor procura preservar a unidirecionalidade com base no argumento de que as duas construções existenciais envolvidas no processo são dessemelhantes: uma delas é monoargumental; a outra, biargumental. Isso não é, contudo, suficiente para demonstrar o processo de abstratização postulado por Heine. A pergunta que fica sem resposta aqui é a seguinte: o que, precisamente, permite afirmar que, conforme pressupõe a proposta de Heine, a existência nuclear é mais abstrata do que posse, que por sua vez seria mais abstrata que a existência pura e simples?

Tal assunção requer, pelo menos, o delineamento dos conceitos de posse, existência e existência nuclear, de maneira a demonstrar os graus relativos de concretude e abstração. Esse delineamento, no entanto, está ausente da abordagem de Heine. É fundamentalmente esta a crítica de Francis (1999), como se vê abaixo:

Mesmo assumindo que essa hipótese específica sobre a unidirecionalidade esteja correta, Heine ainda assim não explica como se aplica a noção de concretude relativa. Seriam algumas noções de existência mais concretas que outras? Em caso positivo, será que a noção existencial mais concreta é claramente mais concreta do que as noções de posse? [...] O ponto mais básico – que as existenciais são semanticamente relacionadas às possessivas – está claro. Mas Heine, infelizmente, não descreve explicitamente essa relação.

Neste trabalho, pretendemos mostrar que, ao contrário do que fica sugerido na proposta de Heine, as noções de Posse e Existência não correspondem a graus distintos de abstração; sustentaremos, ao contrário, que ambos os conceitos podem se atualizar tanto em sua versão mais básica, eminentemente concreta, quanto sob a forma de uma extensão metafórica, portanto abstrata.

### 3. A hipótese do realinhamento na relação Posse-Existência

A hipótese que sustentamos aqui é a de aqui tanto a noção de Posse quanto a de Existência, em seus usos básicos, correspondem a conceitos eminentemente concretos. Nesse sentido, não faz sentido, evidentemente, postular um processo de metaforização entre os dois conceitos.

Na literatura cognitivista, cenários experienciais básicos (e, portanto, concretos) têm sido representados por meio do constructo teórico conhecido como *esquema imagético* (JOHNSON, 1987; pioneiramente, NEISSER, 1976). Entendido como um tipo de base de conhecimento armazenada na memória profunda, o esquema imagético é uma representação abstrata (melhor dizendo, esquemática) de padrões experienciais básicos, resultantes de interações sensório-motoras diretas entre o ser humano e o ambiente ao redor.

A relevância da noção de esquema imagético para uma teoria gramatical tem sido demonstrada em uma série de estudos, o mais conhecido dos quais talvez seja a abordagem de SWEETSER (1990) para os verbos modais do inglês – a autora demonstrou que a polissemia de modais como *must*, *might* e *may* pode ser explicada a partir dos esquemas imagéticos (EIs) subjacentes. Neste estudo, procuraremos mostrar que a noção de esquema imagético é crucial para a compreensão da relação entre Posse e Existência. Para isso, nossa hipótese central é de que esses dois conceitos remetem a um mesmo EI, que tem sido conhecido na literatura como *esquema imagético* do contêiner (JOHNSON, 1987):

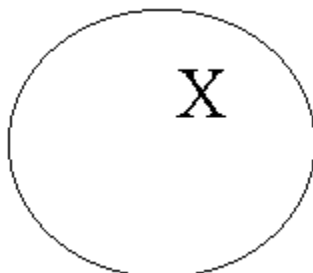


Fig. 1 – Esquema imagético do contêiner

Os exemplos em (1), acima, reproduzidos abaixo como (8) e (9), evidenciam o fato de que tanto as sentenças possessivas quanto as existenciais fazem referência a esse esquema:

(8) O apartamento tem três quartos.

(9) Tem três quartos no apartamento.

Nos dois casos, os quartos correspondem ao X do esquema, ao passo que o apartamento corresponde ao círculo. Esse tipo de representação ajuda a responder a pergunta que, segundo alegamos, havia ficado pendente no trabalho de Heine (1997): como definir os conceitos de Posse e de Existência? Ou, em outras palavras, o que significa *ter* alguma coisa ou *existir* em algum lugar? Com base na noção de esquema imagético, a resposta pode ser agora formulada nos seguintes termos: *ter alguma coisa é ser um espaço que contém essa coisa; existir é estar contido em um espaço*.

Como se vê, a tentativa de responder à questão deixada em aberto em Heine (1997) conduz à conclusão de que os conceitos de Posse e Existência, ao menos em seus usos básicos ilustrados em (8) e (9), são igualmente concretos: não há diferença entre eles no que diz respeito ao grau de abstração, como a formulação acima deixa evidente. Ao mesmo tempo, essa formulação sugere que a diferença entre esses dois conceitos reside no elemento focalizado: no caso da Posse, o foco recai sobre o contêiner do esquema (em (8), o apartamento); no caso da Existência, ele recai sobre o conteúdo (em (9), os quartos).

Em termos cognitivistas, essa diferença pode ser traduzida por meios das ferramentas que Langacker denomina mecanismos de ajustes focais, e que dizem respeito à capacidade, própria do sistema perceptual e conceptual humano, de enquadrar um mesmo cenário objetivo de diferentes maneiras. Mais especificamente, está em jogo a partir da oposição langackeriana (LANGACKER, 1987; 1991, principalmente) entre *trajectory* (ou trajetor) e *landmark* (ou marco), oposição que reflete as distinções entre base e perfil, de um lado, e entre figura e fundo, de outro. A habilidade que se manifesta aqui é a capacidade de inverter o grau relativo de saliência entre os elementos da cena, promovendo, nos termos de Langacker, o *realignamento da relação trajetor/marco*. Esquemáticamente, temos a seguinte representação:

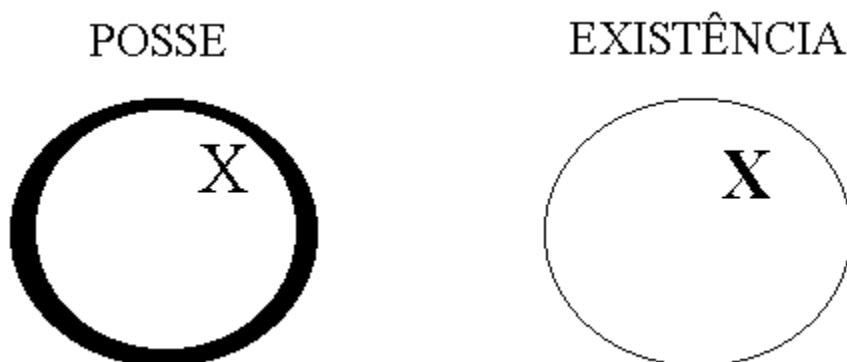


Fig. 2 – Realinhamento trajetor/marco no esquema imagético do contêiner

É importante salientar que a habilidade cognitiva que estamos invocando aqui para explicar o relacionamento entre os conceitos de Posse e Existência – a capacidade de enquadrar diferentemente os elementos (entidades e processos) nas cenas que visualizamos – não difere essencialmente do esquema processual de ponto de referência posto em Langacker (em preparação) e dos diferentes perfilamentos possíveis a partir dele. É necessário registrar ainda que essa habilidade tem sido objeto da investigação de outros autores dentro da literatura cognitivista. Talmy (1999), por exemplo, se refere a esse processo como *windowing* (algo como “enquadramento”). Tomasello (1999, p. 118), por sua vez, defende a tese de que “o que torna o símbolo linguístico verdadeiramente único de um ponto de vista cognitivo é o fato de que cada símbolo incorpora uma perspectiva particular de alguma entidade: esse objeto é simultaneamente uma rosa, uma flor e um presente”<sup>3</sup>.

Nossa hipótese básica recorre, portanto, a apenas dois instrumentos teóricos: uma base estável de conhecimento – o esquema imagético continente-conteúdo – e um processo cognitivo – a capacidade de realinhamento entre trajetor e marco. Essa explicação, contudo, deixa em aberto algumas questões – a mais incômoda delas sendo o problema da polissemia do conceito de Posse, ponto de partida de Langacker nos dois trabalhos comentados.

Assim, na próxima seção, tentaremos esboçar uma solução para esse problema. Antes, porém, é preciso lembrar que estamos considerando apenas as construções de estrutura argumental. Dessa forma, nossa descrição deverá recobrir a maior parte dos significados possessivos arquetípicos identificados por Langacker, tais como: propriedade (“O Thomas tem um carro caro”), qualidade física ou mental (“Eu tenho uma saúde de ferro” e “Você tem muita paciência”, respectivamente), algo que preenche determinada função (“Só tenho um ônibus para voltar para casa”), dentre muitos outros. Por outro lado, deixaremos de fora as relações semânticas a que Langacker se refere como “ação em andamento” e “ação decorrida”, e que ilustra com os SNs “his departure” (“sua partida”) e “Lincoln’s assassination” (“o assassinato de Lincoln”), respectivamente. Note-se que esse significado, que o autor considera o menos prototípico dentre os valores possessivos por não manifestar controle do possuidor sobre a coisa possuída, não pode ser representado na construção de

<sup>3</sup> Para este autor (1999, p. 155), “a razão pela qual um falante pode usar uma descrição por outra, referindo-se a diferentes perspectivas disponíveis para a descrição de uma mesma cena objetiva, tem a ver com uma avaliação do que se compatibiliza mais com os propósitos comunicativos em causa, e com as necessidades e expectativas do ouvinte”.

estrutura argumental (\*Eu tenho duas partidas; \*Lincoln teve um assassinato; \*o carro teve um estacionamento difícil; etc).

#### 4. E onde entra a metáfora?

Se concordamos com Heine – em função, evidentemente, da convergência (ainda que não identidade) entre os modelos teóricos adotados – na postulação de que um processo cognitivo geral (não especificamente lingüístico) subjaz à vinculação entre a Posse e Existência (e, por isso mesmo, não falamos, a não ser subsidiariamente, na vinculação entre *sentenças* possessivas e existenciais), por outro lado defendemos que o processo em pauta não é a metáfora conceptual, mas o realinhamento da relação trajetor/marco. Tal hipótese é compatível com a inexistência de graus diferentes de concretude ou abstração entre os conceitos de Posse e Existência.

No início deste trabalho, contudo, afirmamos que, a despeito de não poder ser evocada para dar conta da relação entre Posse e Existência, a metáfora desempenha, ao lado da metonímia, um papel relevante na estruturação dessas duas categorias. Para comprovar essa hipótese, partiremos dos usos possessivos e existenciais do português brasileiro listados no quadro abaixo. A título de exemplo, usaremos sempre o verbo *ter*, uma vez que ele recobre tanto o domínio da Posse quanto o da Existência<sup>4</sup>.

1. EXISTÊNCIA	Existência concreta	Só tem um shopping na minha cidade.
	Existência abstrata	Tem uma falha na sua argumentação.
2. POSSE	Continência concreta	Minha cidade só tem um shopping.
	Continência abstrata	Sua argumentação tem uma falha.
	Propriedade	João tem dois carros.
	Relação interpessoal	Ele tem duas irmãs.
	Experiência	Tenho saudades da minha infância.
	Ter algo à disposição	Só tenho um ônibus para voltar para casa O jogo teve um público acima do esperado.
	Ser presenciado	Ele tem um time em cada estado.
3. POSSE-EXISTÊNCIA	POSSE-EXISTÊNCIA CONCRETA	Ele deve ter uns mil livros naquela biblioteca.
	POSSE-EXISTÊNCIA ABSTRATA	Ele teve poucas oportunidades na vida

Figura 3 – Alguns usos do português brasileiro nos domínios da Posse e Existência

<sup>4</sup> Essa lista, evidentemente, comporta um grau inevitável de arbitrariedade e não esgota todas as possibilidades de usos possessivos e existenciais. A rigor, cada um desses sentidos não pode ser tomado como um espécie de “átomo” semântico especificado no léxico mental – sob pena de se aderir a uma perspectiva reificatória cujo caráter falacioso tem sido largamente evidenciado na seara das semânticas não-formalistas. Para uma sondagem da realidade psicológica desses usos, ver Pinheiro (no prelo).

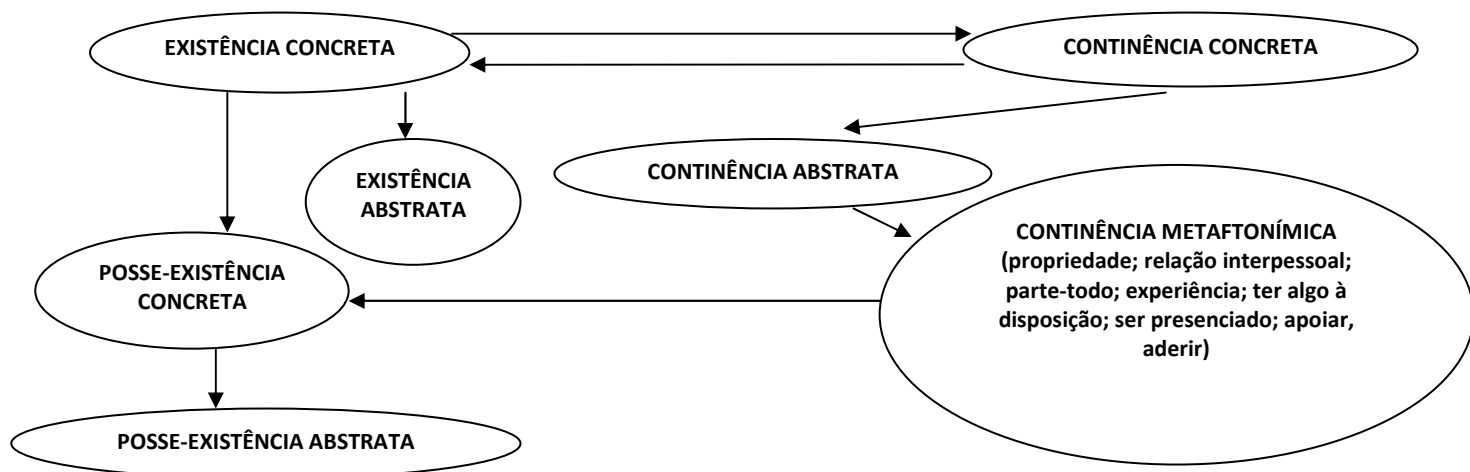


Figura 4: rede polissêmica de usos possessivos e existenciais do português brasileiro

A rede polissêmica acima contempla, em uma mesma representação, a polissemia das categorias de Posse (lado direito, associada aos usos rotulados como Continência, em razão de sua remissão ao esquema imagético do contêiner) e de Existência (lado esquerdo). Se, por um lado, a relação entre a *existência concreta* e a *continência concreta* podem ser explicadas a partir da ideia de realinhamento entre trajetória e marco, falta, por outro lado, explicar a motivação dos outros significados que compõem as categorias de Posse e de Existência.

Para começar, não é difícil explicar a emergência das contrapartes abstratas para os sentidos concretos básicos. Tanto a *continência* quanto a *locação abstratas* resultam de uma metáfora ontológica. No exemplo da tabela 1, a metáfora altera o estatuto ontológico de “argumentação”, que, de entidade abstrata, passa a ser concebida como domínio concreto – mais especificamente, um contêiner<sup>5</sup>.

Note-se, em suma, que os quatro primeiros exemplos da tabela 1 remetem ao esquema do contêiner: dois deles – os sentidos concretos – aplicam-se ao esquema diretamente, ao passo que os outros dois ligam-se a ele via metáfora ontológica.

Até agora, pudemos dar conta dos dois usos *existenciais* e das duas acepções rotuladas como *continência*. Cumprida essa etapa, o próximo passo é explicar a emergência dos usos abrigados sob o rótulo *continência metaftonímica*. Eis a proposta: por trás de todos esses usos, verifica-se uma projeção metonímica. O contraste abaixo deverá esclarecer esse ponto:

- (10) Minha vida tem cada história que ninguém acredita.
- (11) Eu tenho cada história que ninguém acredita.

Se (10) resulta de uma metáfora ontológica aplicada sobre o esquema do contêiner, (11) é motivado por uma projeção metonímica sobre o círculo do esquema já metaforizado. Por meio dessa metonímia, o espaço metafórico é substituído pela *pessoa que, ocupando o centro desse espaço, define suas fronteiras e dimensões por meio do seu horizonte de observação (metafórico, sobretudo)*.

<sup>5</sup> Outros exemplos com *ter* incluem “O filme tinha cenas emocionantes” ou “Minha admiração por ele tem motivo”. A metáfora, porém, não comparece apenas em sentenças com esse verbo – como fica evidente em “Os atacantes ainda não entraram no jogo”.

Esse raciocínio vale para os usos *propriedade*, *relação interpessoal*, *parte-todo*, *experiência*, *ter algo à disposição*, *ser presenciado* e *apoiar ou aderir*. na tabela 1. Em todos eles, o exemplo correspondente pode ser parafraseado segundo a fórmula “Y existe dentro do espaço (metafórico) instaurado pelos elementos que compõe o universo de existência de X”, sendo Y o objeto e X, o sujeito sintático da sentença. No caso do exemplo rotulado como *propriedade*, teríamos que “*dois carros* existem dentro do espaço (metafórico) que compõe o universo de existência de *João*”. A este contêiner “metaftonímico” (conforme GOOSENS, 2002), chamaremos, por comodidade, *possuidor*.

Note-se que, sob essa fórmula, podem-se abrigar *todos* os usos possessivos que não exprimem (diretamente) continência. Nesse sentido, entendemos que uma grande parte das acepções comumente apontadas para o verbo não estão especificadas no léxico. O que há, em vez disso, é a representação “metaftonímica” do esquema imagético, que dá margem ao surgimento de um sem-número de relações semânticas.

Concluída essa etapa, falta dar conta dos casos que, na tabela acima, se materializam sintaticamente por meio do *ter* trivalente. Essa situação envolve uma operação conhecida na literatura como transformação de esquema imagético – aqui, trata-se de uma transformação por adição. Neste caso, adiciona-se ao esquema imagético um contêiner menor, dentro do qual está diretamente incluído o elemento representado pelo X (ver figura 4, abaixo). Como a adição de um novo elemento conceptual corresponde, na sintaxe, à aparição de um novo argumento, o resultado é uma construção trivalente.

A adição, neste caso, parece promovida por um processo de mesclagem (ou integração) conceptual, do qual participam como *inputs* os esquemas da *locação concreta* e da *continência “metaftonímica”*. O primeiro prevê os papéis de contêiner e conteúdo, ao passo que o segundo prevê um possuidor (rótulo que atribuímos acima ao contêiner “metaftonímico”) e conteúdo. Na mesclagem, os dois *conteúdos* se identificam. O resultado são três elementos conceptuais – possuidor, conteúdo e contêiner – cujas realizações sintáticas são importadas das construções originais: o possuidor é sujeito, o conteúdo se realiza como objeto e o contêiner se manifesta como oblíquo. No exemplo da tabela 1, “ele” é o possuidor “metaftonímico”, “uns mil livros” é o conteúdo e “naquela biblioteca”, o oblíquo.

No caso do *ter possessivo-locativo abstrato*, o que está em jogo, uma vez mais, é uma metáfora ontológica, que atribui estatuto de contêiner a uma entidade não-física. No exemplo da tabela 1, essa entidade é “vida”; nos exemplos (12) a (14), temos respectivamente, “família”, “carreira” e “cabeça”.

- (12) Ele anda tendo muitos problemas na família.
- (13) Ele colecionou prêmios importantes na carreira.
- (14) Eles tinham muitas idéias na cabeça.

Cabe observar que ambos os usos possessivo-locativos – o concreto e o abstrato – correspondem a uma mesma construção gramatical, o que fica evidenciado pela identidade formal entre os dois tipos de sentença. Caso um pouco diferente, nesse sentido, é o do *ter qualificativo*. Aqui, o rearranjo sintático, com o surgimento de uma relação predicativa expressa por um sintagma adjetivo, deixa claro que se trata de uma outra construção. Com base nessas evidências, é possível traçar a seguinte oposição: enquanto o uso *possessivo-locativo abstrato* revela uma metáfora incidindo sobre o locativo, o uso *qualificativo* é motivado por uma projeção metafórica que toma como domínio-base a própria construção gramatical associada ao *ter possessivo-locativo*.

Além de o domínio-base ser diferente, a própria projeção que motiva o *ter qualificativo* é bastante específica: trata-se, necessariamente, da metáfora ontológica

ESTADOS SÃO LUGARES, clássica na literatura cognitivista (Lakoff, 1987; dentre muitos outros). Aqui, portanto, a noção de contêiner servirá de base para a emergência da noção de *qualidade*, com base na identificação metafórica (e experiencial) entre *ter um atributo* e *ocupar um lugar no espaço*.

A rede semântica a seguir pretende contemplar todas as acepções do *ter* pleno no PB atual. Ela parte, antes de mais nada, da idéia de que um mesmo esquema imagético pode ser instanciado com dois enquadramentos, o que produz uma divisão entre os significados possessivo e locativo. Cada um deles pode ser elaborado metaforicamente, transformando em contêiner uma entidade não-física. O esquema possessivo pode ainda ser alvo de uma posterior elaboração metonímica, o que permitirá a ele abrigar a maior parte dos usos arrolados pelos dicionários. Esse esquema entra como *input*, junto com o esquema locativo, em uma operação de mesclagem responsável por gerar a posse-locação concreta, expressa sintaticamente com três argumentos. Por fim, o *ter possessivo-locativo* concreto pode produzir, via metáfora ontológica, uma acepção abstrata ou ainda, por meio da metáfora ESTADOS SÃO LUGARES, a acepção qualificativa, que se associa a uma construção gramatical diferentes.

## 5. Palavras finais

Neste artigo, procuramos dialogar com a proposta apresentada em Heine (1997) para explicar a relação, aparentemente translinguística, entre sentenças possessivas e existenciais. Assim como este autor, optamos por abordagem cognitivista, opção coerente com a hipótese de que a relação sentenças possessivas e existências é reflexo, em última instância, da correlação conceptual entre os domínios de Posse e Existência. Procuramos, no entanto, refutar a proposta de que tal correlação seria mediada por um processo metafórico de abstratização; em vez disso, propusemos que o processo envolvido é o realinhamento entre trajetor e marco (LANGACKER, 1987; 1991)

Por outro lado, procuramos mostrar que a metáfora – ao lado da metonímia e da mesclagem conceptual – de fato cumpre um papel importante na estruturação dos domínios Posse e Existência (o que inclui, ainda, o domínio mesclado Posse-Existência). Essa proposta está sintetizada na Figura 4.

## Referências

- AVELAR, J. *Ter, ser e estar: dinâmicas morfossintáticas no Português Brasileiro*. Campinas: RG Editora, 2009.
- CLARK, E. Locational: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, J. *Universals of human language* (Ed.). Stanford: University Press, 1978.
- FRANCIS, Elaine. Two perspectives on the grammar of possession. *Language Sciences*, v. 22, n. 1, p. 87-107, 1999.
- FREEZE, R. Existentials and other locatives. *Language*, v. 68, n. 3, p. 553-595, 1992.
- GOOSENS, L. Metaphtonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, R.; PÔRINGS, R. (Eds.). *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlim/New York: Mouton de Gruyter, 2002.
- HEINE, B. *Possession: Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1997.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University Press, 1987.

- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Vol 1. Stanford: University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Vol 2. Stanford: University Press, 1991.
- LYONS, J. Existence, location, possession and transitivity. In: ROOTSELAAR, B.; STAAL, T. F. *Logic, methodology and philosophy of science*. (Eds.) Amsterdam: North-Holland Publishing Co, 1968.
- MARTELOTTA, M. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, L; COELHO, S. (Orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- NEISSER, U. *Cognition and reality*. San Francisco, Ca: W. H. Freeman and Company, 1976.
- PINHEIRO, D. Homonímia, polissemia, vagueza: um estudo de caso em semântica lexical cognitiva. *Linguística*, v. 6, n. 2. No prelo.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: University Press, 1990.
- TALMY, Leonard. The windowing of attention in language. In: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. *Grammatical constructions: their form and meaning*. Oxford: University Press, 1999.
- TAYLOR, John R. *Possessives in English: An Exploration in Cognitive Grammar*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. Harvard: University Press, 1999.